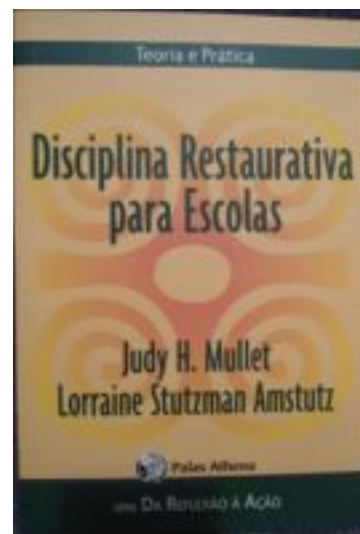


RESENHA

MULLET; Judy H.; AMSTUTZ, Lorraine Stutzman.
Disciplina Restaurativa para Escolas. São Paulo: Palas
Athena, 1ª. Ed., 2012, 118p.

Práticas restaurativas: alternativa à gestão de conflitos escolares

ANA PAULA ARAÚJO*



O recente livro *Disciplina Restaurativa para escolas: responsabilidades e ambientes de cuidado mútuo* é de autoria das americanas Judy H. Mullet e Lorraine Stutzman Amstutz e foi traduzido por Tônia Van Acker. As autoras são estudiosas sobre práticas restaurativas, tem vasta experiência com elas e também ministram formações sobre as mesmas.

Elas organizaram o livro em questão em seis capítulos. Neles tratam sobre os benefícios e desafios de uma organização disciplinar da Escola numa perspectiva restaurativa – um tema inovador e de grande relevância para escolas e educadores interessados em aprimorar a gestão de conflitos escolares, promover a cultura de paz e prevenir a violência na escola sob uma perspectiva diferenciada.

As autoras introduzem o assunto numa linguagem acessível afirmando que a resolução de problemas na escola são valiosas oportunidades de aprendizagem e consideram que os valores da Justiça Restaurativa que estimulam o diálogo respeitoso oportuniza conhecer e considerar as necessidades dos membros da comunidade e, conseqüentemente, abrem a possibilidade para melhorar as relações

de convivência no espaço escolar. Portanto, sugerem o abandono da punição como principal ferramenta pedagógica e a adoção de estruturação disciplinar para escolas baseadas nesses princípios.

Explicitam na sua obra que as crianças precisam ao longo de suas vidas aprenderem a ter um comportamento adequado socialmente e a ter autodisciplina. Por isso acreditam que a disciplina restaurativa é uma possibilidade dos alunos que cometeram ofensas ou danos a alguém na escola consigam através do diálogo compreender as consequências dos seus atos, entender as necessidades geradas a partir disso e se responsabilizar pela reparação do mal cometido.

No decorrer do livro as autoras prosseguem citando valores que devem permear a filosofia da instituição para a implementação das práticas restaurativas na escola. De maneira geral, recomendam que as escolas que possuem essa intenção estimulem a construção do senso comunitário e atitudes de cuidado mútuo, busquem oportunizar a reparação de danos solidariamente e cooperativamente, valorizem as necessidades das vítimas e dê voz a elas e estimulem o

desenvolvimento de atitudes responsáveis.

Explicitam que a disciplina restaurativa na escola visa contribuir para a construção de uma cultura não violenta através de práticas de prevenção da violência e de restauração quando uma violação acontece. Afirmam ainda que muitas escolas já estão implementando abordagens restaurativas e por isso abrem possibilidades para a resolução criativa e pacífica de soluções para casos não previstos nos regulamentos escolares.

Mullet e Amstutz descrevem com detalhes várias formas de aplicação da disciplina restaurativa na escola, tais como: reuniões de reintegração após suspensão, reuniões de classe, círculos, conferências e mediação. Também relatam casos que ilustram com clareza a aplicação das práticas restaurativas.

Elas finalizam a obra relatando experiências bem sucedidas de implementação de práticas restaurativas em escolas americanas e afirmando que viver em comunidade é um desafio e que implementar uma filosofia restaurativa que oriente as ações de todos na Escola pode parecer difícil, mas que passo a passo com criatividade e inspiração pode transformar significativamente as relações de convivência.

Assim o livro mostra que a promoção da cultura da paz é um sonho que pode ser transformado em realidade na escola a partir das contribuições da Justiça Restaurativa.

*Recebido em 2013-03-15
Publicado em 2013-06-11*



* **ANA PAULA ARAÚJO** é Doutoranda da Faculdade de Educação da PUCRS, Mestre em Educação, Especialista em Supervisão Escolar, Coordenadora Pedagógica do Turno Integral e Coordenadora Voluntária de Práticas Restaurativas na EMEF Migrantes